

## AFIXOS EM L2: UM ESTUDO PRELIMINAR SOBRE A AQUISIÇÃO DE SUFIXOS EM LÍNGUA INGLESA POR FALANTES DE PORTUGUÊS BRASILEIRO

Guilherme Duarte GARCIA<sup>1</sup>  
Luiz Carlos SCHWINDT<sup>2</sup>

*ABSTRACT: Affix transparency in a given language does not necessarily result in accurate use of prefixes and suffixes. This gap, applied to morphophonological acquisition, is the topic of this paper. Authors such as Nagy (1987), Tyler (1989) and Schmitt (1997) have dealt with affix acquisition in numerous contexts. These studies were the base for Aizawa and Mochizuki (1999), who attempted to understand if there is an order according to which affixes in the English language are learnt by Japanese students. This paper investigates if Brazilian Portuguese speakers provide any evidence to support the existence of the aforementioned order by (i) presenting its own findings and (ii) comparing them to those in Aizawa & Mochizuki (1999). Additionally, this study analyses the relations between transparency and productivity amongst Brazilian students of English.*

**KEYWORDS:** *morphophonology; EFL; affix acquisition.*

### 1. Introdução

Neste estudo preliminar, examinam-se sufixos de língua inglesa enquanto L2 para falantes de português brasileiro (PB). Este trabalho compõe um estudo maior, cujo escopo são as relações entre morfologia-fonologia e transparência-produtividade na aquisição de afixos em L2. O objetivo principal dessa pesquisa é compreender como se dá a aquisição de afixos em língua inglesa como L2. Nesta etapa, pretende-se verificar se há um possível ordenamento em aquisição, especificamente de sufixos em L2, como sugerido por Aizawa e Mochizuki (1999) em seu estudo de aquisição de afixos por falantes de japonês (JP). Uma melhor compreensão sobre afixos poderá não apenas colaborar para um entendimento do comportamento morfológico-fonológico de prefixos e sufixos, mas também poderá colaborar com o ensino de L2 — ESL/EFL<sup>3</sup>.

No que diz respeito ao ensino de língua inglesa como L2, serão utilizados os conceitos de conhecimento implícito e conhecimento explícito (Ellis, 1994b). O conhecimento implícito é aquele que caracteriza a aquisição inconsciente e espontânea de uma dada língua, sem intervenções formais, como, por exemplo, correções. O conhecimento explícito, por sua vez, está ligado à verbalização de instruções, por exemplo, a fim de intervir conscientemente no aprendizado de um indivíduo. Ellis (1993) propõe uma *Hipótese de Interface Fraca*, em que o conhecimento explícito atua como um facilitador para o conhecimento explícito.

As questões orientadoras deste trabalho são apresentadas a seguir:

- i. Em dois sistemas linguísticos bastante distintos (PB e JP), o ordenamento de frequência se mantém como o princípio através do qual estudantes adquirem sufixos?
- ii. Os sufixos mais transparentes aos estudantes serão também os sufixos mais produtivos?

---

1 Mestrando. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS.

2 Docente e pesquisador. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS.

3 English as a Second Language/English as a Foreign Language.

Na seção 2, serão abordados os pressupostos teóricos deste estudo, assim como uma revisão do estudo de Aizawa e Mochizuki (1999). Na seção 3, será descrito o método utilizado e os testes empíricos elaborados. Na seção 4, os resultados encontrados neste exame são discutidos e comparados aos resultados encontrados no estudo de Aizawa e Mochizuki (1999) para sufixos. Também examina-se a pertinência dos resultados para a compreensão do papel morfológico de sufixos no ensino de língua inglesa como L2. Na seção 5, serão retomadas as discussões deste estudo preliminar e questões residuais serão propostas para as próximas etapas desta pesquisa.

## 2. Pressupostos

### 2.1. Fonologia e Morfologia Lexical (LPM<sup>4</sup>)

Em Fonologia e Morfologia Lexical (doravante LPM) (Kiparsky, 1982, 1985), a palavra constitui unidade chave para a análise morfológica. O componente morfológico é dividido em diferentes níveis hierárquicos (ou camadas), nos quais afixos são ligados ao radical. Itens não derivados estão listados no léxico<sup>5</sup>. Neste modelo, afixos (L2) são divididos em dois grupos: neutros e não neutros. Afixos neutros não têm efeito fonológico sobre o radical ao qual se ligam (e.g.: home +<sup>6</sup> less), enquanto afixos não neutros têm efeito fonológico no radical (e.g.: economy + ic). Nota-se, portanto, em LPM, uma forte relação entre regras morfológicas e fonológicas.

No que concerne aos sufixos examinados neste trabalho, há entre eles sufixos primários, anexados no nível 1, e sufixos secundários, anexados no nível 2. Níveis de anexação têm relação com a proximidade do afixo ao radical. Dessa forma, afixos de nível 1 estão mais próximos ao radical e afixos de nível 2 são “externos” ao radical.

	1	2	
Mendel	ian	ism	*Mendel+ism+ian
Shakespeare	ian	ism	*Shakespear+ism+ian

Fig. 1 – Afixos de nível 1 e 2 (cf. Kiparsky, 1983).

A maior parte dos afixos em L2 são do tipo neutros, como, por exemplo, *-ness* e *-less*. Tradicionalmente, exemplificam-se os afixos não neutros através dos sufixos *-ee* (employ+ee), *-ic* (economy+ic) e *-th* (wide+th). A faixa de alunos escolhida para o presente estudo é de nível intermediário/avançado, e durante o tempo de exposição desses estudantes à língua inglesa, seu contato com afixos não neutros é ínfimo e concentra-se, geralmente, em casos de leitura ou audição, e não de produção, como fala ou escrita. Por isso, dos três sufixos não neutros supramencionados, apenas *-ee* foi selecionado para este estudo.

4 Lexical Phonology and Morphology.

5 Em LPM, o léxico contém o significado, a que bases um afixo pode anexar-se, a categoria gramatical da palavra criada, e a que nível a afixação ocorre.

6 No modelo SPE (Chomsky & Halle, 1968), afixos neutros são caracterizados como afixos de “limite fraco” (weak boundary), e recebem a marca # (e.g.: home#less). Afixos não neutros, i.e., afixos de limite forte (strong boundary), recebem a marca + (cf. Katamba, 2006). Neste estudo, será utilizada apenas a marca +.

## 2.2. Transparência e produtividade em L2

Afixos menos frequentes tendem a ser menos produzidos por estudantes de L2. Em outras palavras, parte-se do pressuposto de que sufixos aos quais estudantes são menos expostos tendem a ser menos produzidos. Consequentemente, espera-se que sufixos com *menor* frequência apresentem *menor* transparência e, também, *menor* produtividade. Em uma palavra como *sharpening*, por exemplo, é possível que um número considerável de estudantes identifique apenas *-ing* como afixo, uma vez que o sufixo *-en-* é menos frequente que o sufixo *-ing* no contexto de L2. Ou seja, para esses indivíduos, *sharpen* seria a entrada lexical que receberia o sufixo *-ing*. Para esse mesmo número de alunos, produzir uma nova palavra com o sufixo *-en-* parece improvável, uma vez que o mesmo não é transparente aos aprendizes.

Katamba (2006) descreve concisamente dois aspectos importantes sobre o conceito de produtividade. Um dos aspectos, pertinente ao presente estudo, diz respeito ao caráter gradativo do conceito de produtividade. Isto é, uma determinada estrutura pode ser mais ou menos produtiva. O outro aspecto mencionado, embora menos importante para este estudo, diz respeito ao caráter temporal: uma estrutura pode ser cronologicamente mutável, sendo menos produtiva em um determinado período e mais produtiva em um período subsequente. Em um estudo longitudinal, por exemplo, o aspecto temporal pode ter papel importante.

Há, também, certa ambiguidade no termo produtividade (cf. Bauer, 1988). Pode-se considerar produtivo um afixo que é ligado a bases para formar um grande número de palavras, por exemplo. Neste caso, um sufixo como *-ness* é produtivo. Por outro lado, se o foco se dá na proporção de bases que são elegíveis ao processo em si, o resultado pode ser diferente (Katamba, 2006, p. 69). Neste estudo, produtividade está ligada à primeira definição acima: um afixo que é capaz de gerar um grande número de palavras através de sua anexação a bases.

## 2.3. Paradigmas morfológicos em L2

O grupo de respondentes selecionados para este estudo pertencem minimamente ao nível B<sup>7</sup>. As razões para tal escolha baseiam-se no fato de que alunos em níveis A, por exemplo, encontram-se em uma fase inicial de aprendizagem e, portanto, podem ainda não ter formado certos paradigmas morfológicos, instrumentos deste trabalho. Uma palavra como *[[home]+[-less]]*, por exemplo, tende a ser vista por um aluno de nível A1.1 como *[homeless]*. Assume-se, aqui, a visão de formação de paradigmas em L2 encontrada em Lowie (2005).

A dynamic approach to the acquisition of morphologically complex words assumes that, initially, all words are interpreted holistically. At later stages of acquisition, increasingly more words are analyzed and morphological regularities are discovered. (Lowie, 2005)

Dessa forma, pressupõe-se que até atingir o nível B, o aluno já tenha construído certos paradigmas morfológicos e esteja em um estágio em que pode produzir palavras em contextos variados (*door.less*, *watch.able* etc.). Não foram escolhidos alunos que pertençam apenas aos níveis mais avançados porque, segundo Lowie (2005, p. 251), a produtividade em L2 (língua inglesa, neste caso) tem início, embora em pequena escala, já nos primeiros estágios de aprendizagem.

---

7 CEF *Common European Framework*. Quadro de níveis linguísticos europeu (A1, A2, B1, B2, C1, C2).

## 2.4. Aizawa & Mochizuki (1999)

Aizawa & Mochizuki (1999) aborda a questão de aquisição afixal em L2 por falantes de japonês (JP). Os autores sugerem que, em aprendizado de L2, haja uma relação entre o léxico e o conhecimento de afixos. Assim sendo, alunos com maior vocabulário em L2 devem, conseqüentemente, ter um maior conhecimento de afixos nessa língua. Outro objetivo do estudo é perceber se estudantes adquirem alguns afixos antes de outros, havendo, dessa forma, um possível ordenamento da aquisição de afixos de L2 por falantes de JP.

Os estudantes selecionados para a pesquisa de Aizawa & Mochizuki provêm do ensino médio e do ensino superior japonês. Ao todo, 403 alunos foram selecionados, sendo: 98 estudantes de terceiro ano de ensino médio, 95 graduandos em engenharia, 81 estudantes graduandos em pedagogia e 129 graduandos em letras (inglês). Esses foram os alunos expostos aos testes empíricos propostos pelos autores.

O método utilizado pelo estudo supramencionado foi dividido em duas etapas. A primeira delas examina o conhecimento lexical, i.e., o vocabulário, de cada respondente. Para esta etapa, os autores utilizaram um banco de vocabulário, proposto em Mochizuki (1998b)<sup>8</sup>. Nesse banco, há 7 seções com 1.000 palavras cada. O teste apresentava equivalentes em JP e os respondentes deveriam marcar a opção que melhor representasse a tradução da palavra. Esse teste poderia medir um vocabulário de até 7.000 palavras, e foi utilizado como preparação para o teste de afixos, uma vez que os autores desejavam verificar a relação entre vocabulário e conhecimento afixal.

Para o teste de afixos, selecionaram-se 13 prefixos e 16 sufixos. No caso dos prefixos, os respondentes deveriam marcar o melhor equivalente em JP dentre 4 opções. Para os sufixos, pedia-se a classe gramatical da pseudopalavra criada.

A relação esperada entre tamanho de vocabulário e conhecimento afixal foi, de fato, verificada. Os grupos de estudantes que possuíam maior vocabulário obtiveram melhores resultados no teste empírico de afixos.

It may be said that affix knowledge increased in proportion to vocabulary size. This mutual increase can be attributed to an interaction in which vocabulary expansion promotes understanding of affixes, which in turn enlarges vocabulary size. (Aizawa & Mochizuki, 1999, p. 300).

No que diz respeito ao segundo objetivo do estudo de Aizawa e Mochizuki, os autores sugerem que a ordem de afixos parece respeitar uma ordem de *dificuldade* e *frequência*. Dessa forma, afixos mais conhecidos tendem a ser adquiridos em um estágio mais inicial. O quesito dificuldade é subjetivo e relativo à L1 e, por esse motivo, no presente estudo, entende-se por *difícil* um afixo que seja pouco frequente em L2.

Despite the difficulties of extrapolating from cross-sectional data to acquisition orders (e.g. Ellis, 1994), it seems plausible to suggest that the difficulty order we have noticed here might be an acquisition order. (Ibid)

---

8 Hokkaido University English Vocabulary List (Sonoda, 1996).

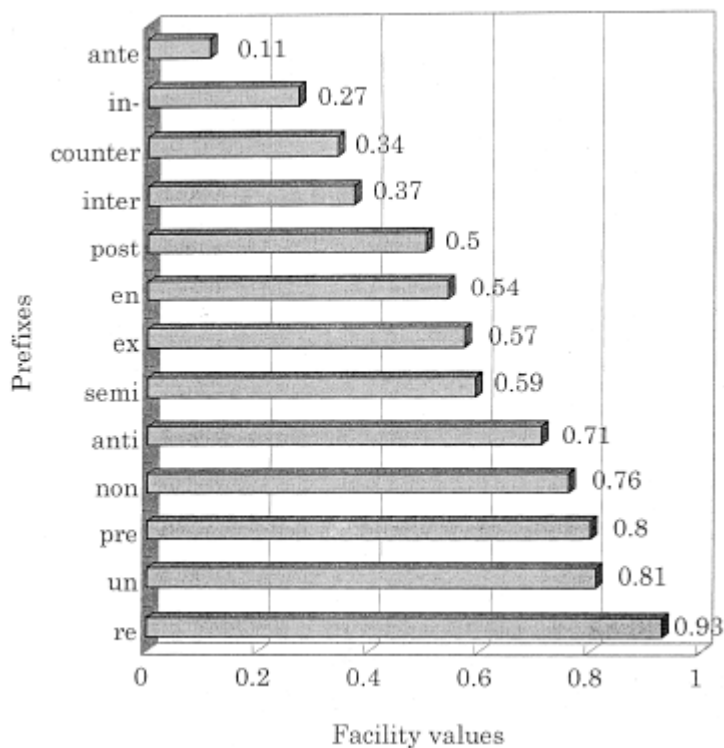


Fig. 2 – Resultados para prefixos (Aiwaza & Mochizuki, 1999).

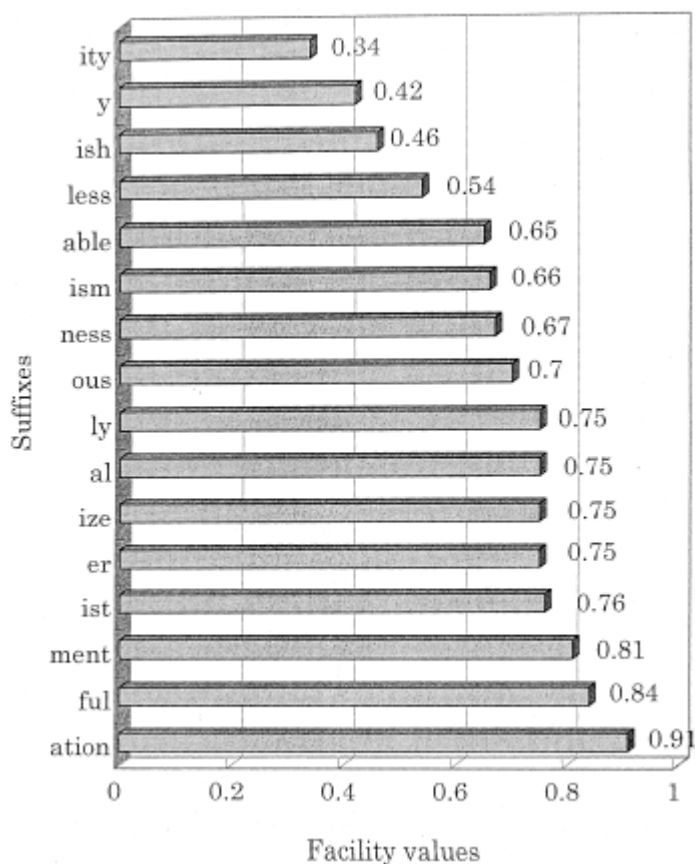


Fig. 3 – Resultados para sufixos (Ibid).

Deve ficar claro, contudo, que o estudo de Aizawa e Mochizuki tinha como objetivo principal verificar a transparência de afixos, i.e., *prefixos* e *sufixos* para estudantes de L2, enquanto o presente estudo pretende examinar apenas transparência e produtividade de *sufixos* de L2.

Os resultados de transparência e produtividade de sufixos entre falantes de PB e JP poderão ser comparados para que sejam verificados padrões semelhantes em ambos os estudos. Um aspecto importante a ser comparado, por exemplo, é se de fato a ordem de frequência/dificuldade comporta-se de maneira semelhante na aquisição de língua inglesa partindo-se de dois sistemas consideravelmente diferentes: português brasileiro e japonês. Trata-se, neste caso, da primeira questão orientadora deste estudo (cf. seção 1). O segundo ponto a ser explorado, repete-se aqui, é verificar se os sufixos mais transparentes aos estudantes serão também os sufixos mais produtivos.

### 3. Método

#### 3.1. Testes empíricos

Para este estudo, foram desenvolvidos dois testes empíricos. Diferentemente do estudo de Aizawa e Mochizuki, os testes empíricos deste estudo não abordam diretamente o vocabulário dos estudantes selecionados, mas sim a transparência e produtividade de sufixos *per se*. Os sufixos utilizados neste estudo são descritos em (4).

*-ing, -ful, -ness, -er, -ed, -s, -less, -ly, -ment*

Fig. 4 – Sufixos utilizados no presente estudo.

Além disso, deve-se salientar que construções complexas, i.e., que contêm mais de um afixo, foram utilizadas no teste de transparência para verificar a relação entre sufixos de níveis 1-2 e sua transparência para os respondentes.

O primeiro teste aborda a *transparência* dos sufixos estudados e é subdividido em duas partes. A parte (a), doravante 1a, consiste em sentenças que devem ser completadas com palavras cujos sufixos são ligados a pseudobases. Um exemplo do teste empírico 1a é apresentado em (5). A estrutura morfossintática das questões desenvolvidas nessa etapa é listada em (6).

Susan has never \_\_\_\_\_.

a) spletify

b) spletifed

c) spletified

d) spletiflown

Fig. 5 – Teste empírico, etapa 1, parte a (transparência).

Questão	Função da pseudopalavra
1	Verbo
2	Advérbio
3	Adjetivo
4,5	Verbo
6	Substantivo
7	Verbo
8	Substantivo
9	Advérbio
10	Adjetivo

Fig. 6 – Estrutura morfossintática do teste 1a, para visualização das classes gramaticais abordadas.

A segunda parte do primeiro teste, doravante 1b, consistia em verificar qual a forma básica que o respondente selecionaria. Em outras palavras, o estudante deveria marcar, dentre 4 alternativas, qual alternativa melhor representaria a base (hipotética) da palavra em questão.

Strunckatingly, Sarah did the homework!			
a.) strunck	b.) stranckate	c.) strunckating	d.) strun

Fig. 7 – Teste empírico, etapa 1, parte b (transparência): forma básica.

O segundo teste empírico desenvolvido, doravante 2u, com foco em produtividade, é constituído de uma parte apenas. Nesta, o respondente deveria completar um parágrafo com palavras derivadas de uma base real em L2. Aqui, pode-se pensar na hipótese de Aizawa & Mochizuki (1999), em que um maior vocabulário e um maior conhecimento afixal relacionam-se entre si. Ou seja, no teste empírico 2u, alunos com maior vocabulário tendem a ter menor dificuldade.

<p>(happy)</p> <p>I don't know what's wrong with Sarah. Today she looked so _____.          She normally does the activities very _____ and today her teacher had          to talk to her in particular. I think her _____ is over.</p>
---

Fig. 8 – Teste empírico, etapa 2, parte única (produtividade).

Os testes acima descritos foram aplicados na mesma ocasião e em sequência. Os três testes apresentavam instruções e explicações escritas que eram acompanhadas da leitura do professor, que esclarecia o caráter não avaliativo da pesquisa. A instrução também explicitava o uso de sufixos através de exemplos práticos dados antes do início do teste, uma vez que o conceito de sufixo deveria estar claro a todos os respondentes.

### 3.2 Amostra

O corpo de estudantes selecionados para o presente estudo é formado por 50 alunos advindos de uma rede de escolas cujo ensino baseia-se em um método próprio. De acordo com esse método, o aluno deve aprender *implicitamente* as estruturas, evitando-se ao máximo a intervenção do professor no que diz respeito a estruturas gramaticais. Assim, os respondentes fazem parte de um contexto em que o conhecimento implícito é abordado em detrimento do conhecimento explícito na maior parte das situações de sala de aula: explicações gramaticais são substituídas por instruções de como proceder durante certas atividades, levando alunos a certas conclusões sobre o conteúdo abordado. Uma nova estrutura raramente é apresentada explicitamente aos aprendizes, evitando-se, assim, a exposição a regras.

O perfil dos 50 alunos é similar, uma vez que todos são estudantes universitários cujo nível linguístico em L2 caracteriza-se como intermediário/avançado. Todos têm, minimamente, 300 horas de exposição à L2, i.e., instrução formal em sala de aula.

## 4. Resultados e discussão

Esta seção divide-se de acordo com as questões orientadoras descritas na seção introdutória deste artigo. Primeiramente, serão discutidos os resultados referentes à primeira etapa dos testes (1a e 1b), i.e., à transparência de sufixos. Em seguida, discutem-se os resultados pertinentes à produtividade (2u). Haverá comparações entre o presente estudo e Aizawa & Mochizuki (1999) nos aspectos em comum, isto é, sufixos e sua transparência em L2.

### 4.1 Transparência

Faz-se necessário explicar que cada questão do teste empírico foi feita com um objetivo específico. A questão 1, por exemplo, observou o conhecimento dos falantes no que diz respeito a verbos e seus respectivos sufixos, como é possível verificar em (6). Assim, nenhuma alternativa continha um sufixo não verbal. Em vez disso, apenas sufixos possíveis foram utilizados em alternativas relacionadas a verbos (um sufixo como *-ful*, por exemplo, não foi incluído em alternativas onde um verbo era [morfo(s)]sintaticamente necessário).

Começamos com verbos, que representaram 30% dos sufixos na primeira parte dos testes empíricos. Substantivos representaram 30%, adjetivos, 20% e advérbios, 20%. Somente resultados relevantes serão discutidos nesta seção.

A questão 1 é útil para fins descritivos e para que observemos os resultados.

1. Susan has never _____.	
a) spletify	(7%)
b) spletifed	(3,5%)
c) spletified	(89%)
d) spletiflown	(0%)

Fig. 9 – Questão 1, teste 1a.

Como esperado, nenhum respondente pressupôs que o pseudoverbo fosse irregular, embora a maior parte dos verbos mais comuns em inglês seja, de fato, irregular (Pinker, 2000). Em questões como a mostrada em (9), nenhuma forma básica era fornecida. Em outras palavras, o respondente analisaria o sufixo e provavelmente imaginaria a forma infinitiva equivalente. Quase todos os respondentes preferiram a forma [spletif i + -ed] à [spletif- + -ed]. Isso mostra que 89% dos estudantes reagiu como se o pseudoverbo em questão tivesse como forma infinitiva *spletify* (e não *spletif*). É possível considerar que a representação mental dos estudantes esteja conectada ao paradigma de verbos como *clarify* > *clarified*, por exemplo, onde /a□/ não é apagado quando o sufixo é anexado ao radical. Portanto, se /a□/ está presente no passado, provavelmente ele estava lá na forma básica do verbo. Sintaticamente, somente formas em (b), (c) e (d) poderiam ser selecionadas, pois são as únicas onde o passado é marcado pelo uso de um sufixo específico. Contudo, (a) foi selecionada por 7% dos respondentes. Acredita-se, contudo, que esse fato deva ser associado a questões de conhecimento gramatical em si, e não a possíveis relações paradigmáticas com verbos como *hit*, *hurt*, *put* etc., uma vez que não há verbos irregulares que sigam esse paradigma com a estrutura morfofonológica do pseudoverbo em questão (*spletify*).

No que diz respeito aos substantivos, as alternativas apresentaram todos os tipos de sufixos. Isto é: sufixos verbais poderiam estar dentre as opções e, portanto, os respondentes poderiam selecionar um sufixo não possível para substantivos. Dessa forma, poderia ser verificado se a alta escolha por sufixos mais prováveis em verbos (cf. 9) ocorria por falta de alternativas que não seguissem o paradigma da classe verbal em L2. A mesma quantidade de questões para verbos foi produzida para substantivos. Baseados nessas questões, os resultados mostraram que o sufixo *-en* (como em *short + en*, *light + en*, etc.) não é reconhecido como um sufixo verbal por grande parte dos estudantes (43%), uma vez que foi escolhido para certos contextos em que um substantivo era necessário morfossintaticamente. Outro sufixo que não apresentou transparência significativa aos estudantes foi *-ee* (como em *employ + ee*): somente 25% dos respondentes identificou a diferença semântica entre *-er* e *-ee*.

O terceiro grupo de pseudopalavras analisado era de adjetivos. Deles consistia 20% do teste 1a e, como os substantivos, tiveram variados sufixos entre as alternativas. As escolhas relacionadas a esse grupo de palavras foi regular: a maior parte dos estudantes reconheceu *-ful* e *-ing* como sufixos formadores de adjetivos (cf. paradigmas como *wonderful* e *interesting*, respectivamente). Apesar disso, *-ly* também foi percebido como um sufixo formador de adjetivos (e não como formador de advérbios) por alguns respondentes – aproximadamente 40% — o que é surpreendente mesmo considerando-se exceções lexicais dicionarizadas como *friendly*, *lovely*, *lively* etc. Além desse fato, outros sufixos (como *-able*) também foram identificados como representando adjetivos. Como o único sufixo formador de advérbios utilizado foi *-ly* (devido à sua alta frequência), somente poucos estudantes não o identificaram corretamente.

A segunda parte do teste (1b) mostrou que quanto mais afixos (sufixos, neste caso), maior a dificuldade de se chegar à forma básica. Em uma pseudopalavra como *strunck.at.ing.ly*, por exemplo, 46% dos respondentes não identificou *-at(e)*. Apenas 37% dos respondentes pôde identificar todos os sufixos na palavra. Baseado nesse dado, pode-se concluir que sufixos de nível 1 são menos transparentes a aprendizes de língua inglesa como L2 quando há, na mesma palavra, um sufixo de nível 2. Com base na segunda parte do teste empírico, é possível ranquear os afixos analisados de acordo com a percepção dos estudantes:

Mais transparente	-ing, -ness -ly -less -ee -en
Menos transparente	-er (quando seguido de outro(s) sufixo(s))

Fig. 10 – Grau de transparência dos afixos (teste empírico 1b).

#### 4.2 Produtividade

Em (10), ranqueou-se o grau de transparência dos sufixos referentes à primeira parte dos testes empíricos (1a, 1b). Contudo, não é possível dizer se essa percepção é refletida no real uso da língua. Portanto, um outro teste era necessário, como descrito em (8). O objetivo principal era observar a produção de sufixos dos respondentes em diferentes contextos. Os sufixos analisados nessa parte do teste estão listados em (11):

-er	-ee -	-ed	
-ful	-er -s	-s	
∅ <sup>6</sup>	-ly	ment	-ing-ly
-less	-ness	-ing	

Fig. 11 – Combinações afixais utilizadas na etapa 2 dos testes empíricos.

Havia uma escala de produções possíveis esperadas para os sufixos em (11). Produções consideradas não apropriadas foram também analisadas, mas com uma frequência mais baixa. A primeira parte desta seção interpreta as respostas apropriadas, com base nas possíveis combinações de afixos existentes em paradigmas existentes em L2. A segunda parte, contudo, concentra-se nas produções que não se comportaram de acordo com paradigma algum.

Para se ter uma visão geral dos dados coletados, o gráfico em (12) descreve o primeiro grupo de resultados.

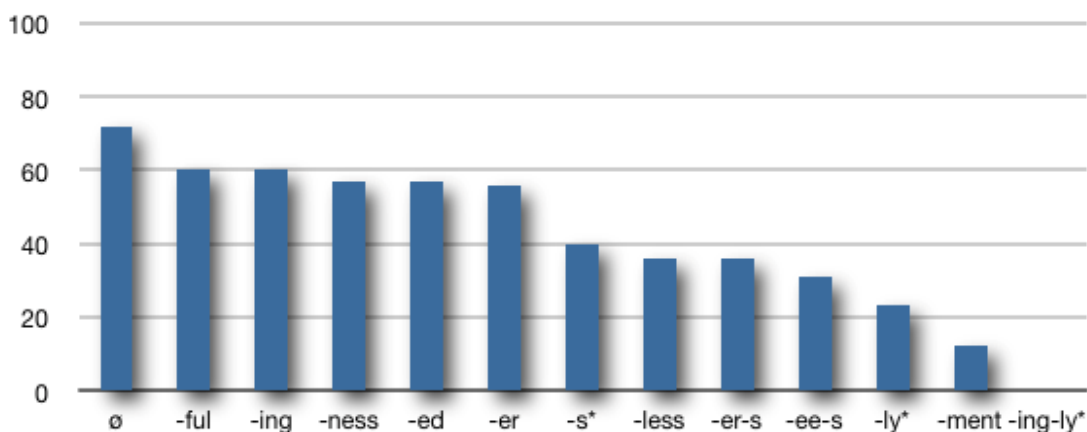


Fig. 12 – Primeiro grupo de resultados (ordenados por produtividade): y. Porcentagem de respostas com um sufixo  $\alpha$  onde  $\alpha$  era esperado; x. Sufixos utilizados neste estudo.

É possível observar que, quanto maior a porcentagem, menor a dificuldade em termos de uma produção acurada. A escolha por nenhum morfema ( $\emptyset$ ), por exemplo, que no teste representava, na maioria dos casos, substantivos, foi menos difícil de ser produzida pelos respondentes. Curiosamente, *-less* não foi tão produtivo quanto esperado, e a marca *-s* de plural foi classificada como difícil – embora isso possa ser devido à falta de atenção da maioria dos respondentes, que não perceberam a marca de plural do verbo *be* que seguia imediatamente o espaço respectivo.

+ Prod	$\emptyset$	72%
+	<i>-ing, -ful</i>	60%
+	<i>-ness, -er, -ed</i>	56%
+	<i>-s*</i>	40%
+	<i>-less, [-er -s]</i>	36%
-	<i>-ly*</i>	24%
-	<i>-ment</i>	12%
- Prod	<i>[-ing -ly]</i>	0%

Fig. 13 – Produtividade.

Os afixos com a marca \* tiveram formas inesperadas mais produzidas do que a forma esperada. Por [ ], indica-se afixação dupla, que constituiu grande dificuldade para a maioria dos respondentes, que não reconheceu a necessidade de *[-ing -ly]* em nenhum dos casos.

Agora, pode-se comparar transparência (12) e produtividade (13) de sufixos, segundo o presente estudo, com os resultados encontrados em Aizawa & Mochizuki (1999) em (14)<sup>9</sup>. A seguir, para a discussão dos resultados, são revistas as questões orientadoras deste estudo:

9 Em (14), selecionaram-se os sufixos em comum entre ambos os estudos para fins comparativos. O leitor tem acesso à lista completa de sufixos utilizados em Aizawa & Mochizuki (1999) em (4).

- i) Em dois sistemas linguísticos bastante distintos (PB e JP), o ordenamento de frequência se mantém como o princípio através do qual estudantes adquirem afixos?
- ii) Os afixos mais transparentes aos estudantes serão também os afixos mais produtivos?

Transparência		Produtividade		Transparência A&M (1999)	
<b>+T</b>	-ing -ness -ly -less -ee	<b>+P</b>	-ing, -ful -s -less, [-er -s] -ly -ment	<b>+T</b>	-ful -ment -er -ly -ness
<b>-T</b>	-en -er	<b>-P</b>	-ing -ly	<b>-T</b>	-able -less

Fig. 14 – Relação entre transparência e produtividade e comparação entre transparência de sufixos entre o presente estudo e Aizawa & Mochizuki (1999).

Nos resultados deste estudo, percebe-se que o grau de transparência de sufixos é proporcional à frequência dos mesmos. Isto é, sufixos mais frequentes em L2 parecem ser mais transparentes aos estudantes falantes de PB. Os sufixos *-less* e *-ness*, frequentes e produtivos em L2, foram *mais transparentes* entre falantes de PB, por exemplo. Esse fato, contudo, não se assemelha aos dados de falantes de JP. Além disso, percebe-se que o ordenamento na aquisição de afixos (cf. Aizawa & Mochizuki, 1999) difere nos dois sistemas linguísticos em discussão (cf. 14). Conclui-se, portanto, que o princípio de frequência em L2 não parece ter o mesmo *status* entre aprendizes brasileiros e japoneses (falantes de PB e JP, respectivamente).

As variáveis em aquisição em L2 são inúmeras. O contato explícito de alunos de diferentes contextos certamente tem um papel fundamental na aquisição de língua inglesa, por exemplo. Além disso, outros fatores contribuem para a complexidade da suposição de um ordenamento em L2. Neste trabalho, como explicitado anteriormente, entende-se que afixos mais frequentes em L2 possivelmente são adquiridos em um estágio mais básico do aprendizado de língua inglesa por falantes brasileiros. É sob essa perspectiva que este estudo observa a possibilidade de haver um ordenamento de transparência. Os resultados mostram, contudo, que a suposição de um real ordenamento na aquisição de L2 como em L1 parece inviável, dadas as inúmeras variáveis existentes no contexto de aprendizado de L2.

A questão (ii) parece ter resposta afirmativa em sufixos como *-ing*, *-ly* e *-less*. Isto é: de acordo com os dados encontrados neste estudo, ambos os sufixos tiveram um alto índice de transparência e um grau alto de produtividade entre os estudantes. O único sufixo não neutro utilizado (*-ee*) apresentou menor transparência entre estudantes, fato este que é corroborado pelo fato de muitos estudantes não perceberem esse sufixo na palavra *employee*, cuja frequência entre estudantes de inglês como língua estrangeira é alta. Aproximadamente 40% dos estudantes que fizeram parte deste estudo diziam conhecer a palavra *employee* mas alegavam desconhecer a palavra “empregar” (*employ*) em L2. Isso pode indicar que, para esse grupo de estudantes, o sufixo está anexado à base no léxico, i.e, é opaco.

## 5. Considerações finais

Neste estudo preliminar, foi possível verificar que parece haver uma relação entre a frequência de sufixos em L2 e a transparência desses sufixos para estudantes de português brasileiro. A frequência parece ser, de fato, um dos princípios motivadores à questão. Também foi possível verificar que há, para alguns sufixos, uma relação entre transparência e produtividade. Conforme (14), pode-se dizer que os dados encontrados sugerem que sufixos de L2 mais transparentes a estudantes brasileiros são, também, mais produtivos para esses falantes.

A suposição de um ordenamento de aquisição de afixos em L2 como tradicionalmente se aborda em aquisição de língua materna foi descartada, dadas as inúmeras variáveis envolvidas nessa hipótese. Considerou-se, contudo, que sufixos mais frequentes nas diversas formas de *input*<sup>10</sup> em L2 tendem a ser adquiridos em um estágio linguístico mais básico aos estudantes que fizeram parte da amostra deste estudo, mas essa consideração baseia-se unicamente no contato que esses estudantes têm com estruturas linguísticas mais comuns/frequentes.

Verificou-se, também, que palavras que contenham sufixos de níveis 1 e 2 apresentam maior dificuldade de transparência e produtividade aos estudantes da amostra. O sufixo não neutro *-ee* foi opaco para um número considerável de respondentes, sugerindo que, além da menor frequência, a influência fonológica sobre a base desse sufixo pode representar maior dificuldade aos estudantes de L2 falantes de PB.

A pesquisa iniciada neste estudo preliminar pretende, em suas próximas etapas, considerar um maior número de sufixos, aumentar sua amostra, assim como detalhar a análise feita através dos testes empíricos<sup>11</sup>. Pode-se, também, considerar a inserção de prefixos para que se verifique se há algum aspecto diferenciado na transparência/produtividade destes, uma vez que não contribuem para mudança de classe gramatical e nem apresentam caráter não neutro, i.e, não influenciam fonologicamente a base da palavra a qual são ligados. Esses pontos, portanto, guiarão a presente pesquisa, que aqui apresentou-se em seu estágio inicial.

## Referências

- AIZAWA, K., MOCHIZUKI, M. An affix acquisition order for EFL learners: an exploratory study. *System* v. 28, p. 291-304, 2000.
- ALVES, U. K. O papel da instrução explícita na aquisição fonológica do inglês como L2: evidências fornecidas pela teoria da otimidade. Dissertação de mestrado. UCPel, 2004.
- BAUER, L. *Introducing Linguistic Morphology*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1988.
- ELLIS, N. Implicit and Explicit Language learning – An Overview. In: ELLIS, N. (Ed.). *Implicit and Explicit Learning of Languages*. San Diego, CA: Academic Press, 1994b.
- ELLIS, R. The structural syllabus and second language acquisition. *TESOL Quarterly*, v. 24, n. 1, p. 91-113, 1993.
- KATAMBA, F.; STONHAM, J. *Morphology*. Lancaster: Palgrave Macmillan, 2006.
- KIPARSKY, P. Word-formation and the lexicon. In: INGEMANN, F. (ed.). *Proceedings of the Mid-America Linguistics Conference*, Lawrence, Kansas, 1982.

---

<sup>10</sup> *Input*, aqui, é entendido como insumos para o contexto de sala de aula, como textos jornalísticos, material didático, e qualquer outro material utilizado para expor o estudante à L2.

<sup>11</sup> O discussão sobre o nível linguístico dos indivíduos que compuseram a amostra será igualmente amadurecida nas próximas etapas do presente estudo.



**Anais do IX Encontro do CELSUL**  
**Palhoça, SC, out. 2010**  
**Universidade do Sul de Santa Catarina**

KRASHEN, S. D. *Second Language Acquisition and Second Language Learning*. Pergamon Press Inc., 1981.

LOWIE, W. Exploring a second language: The discovery of morphological productivity. *Eurosla Yearbook* 5, p. 251-268, 2005.

PINKER, S. *The Language instinct*. New York: Harper Perennial, 2000.

SCHNEIDER, A.; SCHWINDT, L. C. A epêntese vocálica medial em PB e na aquisição de inglês como LE: uma análise morfofonológica. *Letras de Hoje*, v. 45, n. 1. PUCRS, 2010.